

OS DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES DA DOCÊNCIA COMPARTILHADA EM TURMAS MULTISSERIADAS EM UMA ESCOLA CAMPESSINA NO INTERIOR DE BOM JESUS DA LAPA

ROBSON RIBEIRO SOARES¹
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

INAIARA ALVES ROLIM²
Secretaria Municipal de Educação - SME

Resumo

O presente Trabalho é fruto de uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação Especialização em Educação do Campo, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, e teve como objetivo identificar quais os desafios e contribuições da docência compartilhada em turmas multisseriadas em uma escola campesina no interior de Bom Jesus da Lapa. A pesquisa foi de abordagem qualitativa e os instrumentos para coleta de dados foram a análise documental, a observação participante e a entrevista semiestruturada; os participantes da pesquisa foram as professoras dos Anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola do campo no município de Bom Jesus da Lapa – BA. A pesquisa se fundamentou nos estudos de Caldart (2012), Leite (1999), Traversini, Rodrigues e Freitas (2010), Fernandes e Titton (2008), entre outros. Assim, realizamos uma análise do contexto histórico da Educação do Campo no Brasil. Os resultados apontam que compartilhar a docência na sala de aula ainda não é tão comum, seja em classes multisseriadas ou não, sendo que isso ocorre devido ao fato de os professores ainda não terem afinidade com a docência compartilhada e por estarem habituados a trabalhar com a unidocência, e é onde surgem alguns desafios a serem superados para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma significativa em turmas multisseriadas da Educação do Campo e que contribua para reflexão conjunta das práticas docente.

5271

Palavras-chave: Docência Compartilhada. Educação do Campo. Prática Docente.

Abstract

This work is the result of research carried out in the Postgraduate Specialization Program in Rural Education, at the State University of Bahia – UNEB, and aimed to identify the challenges and contributions of shared teaching in multi-grade classes in a rural school in the interior of Bom Jesus da Lapa. The research had a qualitative approach and the instruments for data collection were document analysis, participant observation and semi-structured interviews; The research participants were teachers from the initial years of Elementary School at a rural school in the municipality of Bom Jesus da Lapa – BA. The research was based on studies by Caldart (2012), Leite (1999), Traversini, Rodrigues and Freitas (2010), Fernandes and Titton (2008), among others. Thus, we carried out an analysis of the historical context of Rural Education in Brazil. The results indicate that sharing teaching in the classroom is still not so common, whether in multigrade classes or not, and this is due to the fact that teachers do not yet have an affinity with shared teaching and because they are used to working with unteaching, and this is where some challenges arise to be overcome so that the teaching and learning

¹ Formado em Pedagogia e pós-graduado em Educação do Campo na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XVII Bom Jesus da Lapa. Atualmente atua como Coordenador Pedagógico na Escola Municipal José Santana no interior do município de Bom Jesus da Lapa – BA.

² Mestre em Educação e Educação do Campo. Professora da Educação Básica em escolas do campo do município de Serra do Ramalho/BA.

process occurs in a meaningful way in multigrade Rural Education classes and contributes to joint reflection on teaching practices.

Keywords: Shared Teaching. Rural Education. Teaching Practice.

Introdução

A elaboração do presente estudo se deu a partir da pesquisa desenvolvida na Especialização em Educação do Campo da UNEB, cuja proposta foi pesquisar sobre a docência compartilhada no contexto da Educação do Campo em turmas multisseriadas e tem como objetivos específico analisar o contexto histórico da Educação do Campo no Brasil e sua diferença da Educação Rural; Identificar a dinâmica pedagógica do professor ao compartilhar a docência em turmas multisseriadas na Educação do Campo; Descrever os desafios das professoras da Educação do Campo ao compartilhar a docência em turmas multisseriadas em uma unidade de ensino no interior de Bom Jesus da Lapa.

Os estudos sobre a Educação do Campo mostram que as discussões a respeito dessa temática ainda carecem de aprofundamento e, também, ainda é pouco conhecida pelos professores. Assim, para compreender melhor sobre a temática em estudo, foi necessário realizar um apanhado histórico sobre a docência no contexto da Educação do Campo e como a docência compartilhada se relaciona no contexto das turmas multisseriadas da escola campesina. Na escola em que foi realizada a pesquisa, já houve experiências quanto ao compartilhamento da docência em estudo com o Programa Mais Alfabetização.

A escola onde ocorreu a pesquisa está localizada em uma comunidade campesina no município de Bom Jesus da Lapa – BA, foi fundada em 1999 em uma área doada por um morador da comunidade, pois houve a necessidade de um espaço físico adequado, considerando o número de habitantes em idade escolar. De início, a escola tinha apenas 2 salas de aula e com o passar dos anos foram feitas mais duas salas para atender crianças da Educação Infantil e alunos dos Anos Iniciais e dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Atualmente a escola está funcionando nos três turnos (matutino, vespertino e noturno), pois agora atende também alunos da Educação de Jovens e Alunos – EJA. Vale lembrar que antes da construção da Unidade Escolar os alunos eram atendidos em barracos, casas alugadas, espaços cedidos ou embaixo de árvores.

A metodologia utilizada neste estudo é de abordagem qualitativa e como instrumento da coleta de dados a observação participante, a entrevista semiestruturada, a análise documental e os sujeitos da pesquisa (quatro professoras do Ensino Fundamental – Anos Iniciais.) Para

compreensão e interpretação das interações sociais de grupos de pessoas que interagem em seus ambientes naturais, o tipo de pesquisa utilizado foi a pesquisa de campo.

Pesquisar sobre docência compartilhada no contexto das turmas multisseriadas da escola do campo é importante, pois são as turmas multisseriadas garantem que crianças, jovens e adultos do campo tenham acesso à educação no lugar onde vivem sem precisar se deslocar para a cidade, isso pelo fato de que as classes multisseriadas mesmo com o pouco investimento das políticas públicas em relação a organização pedagógica, resistem e tem potencialidade em atender as necessidades educativas dos alunos.

A proposta da docência compartilhada pode contribuir para destacar as possibilidades de existência e manutenção das escolas com turmas multisseriadas no campo diante dos desafios que os professores dessas turmas enfrentam. Nesse sentido, com esta pesquisa foi possível chegar a informações fundamentais para a construção do conhecimento pedagógico compartilhado, com o objetivo de melhorar o processo de ensino e aprendizagem na escola pesquisada.

Contexto histórico da Educação do Campo no Brasil e sua diferença da Educação Rural

A Educação do Campo no Brasil tem sua origem historicamente ligada à luta dos movimentos sociais do campo, que reivindicaram o direito à educação voltada para a realidade e necessidades específicas das comunidades rurais. Durante muitos anos, a população do campo foi marginalizada e excluída do acesso à educação de qualidade, o que levou à criação de políticas públicas que visavam a garantir o direito à educação no meio rural. Desse modo, a proposta da Educação do Campo está voltada a uma educação que leve em consideração o contexto, a cultura, os valores, as crenças e a identidade do povo camponês.

Uma educação que seja no e do campo. No: o povo tem o direito a ser educado no lugar onde vive; Do o povo tem o direito a uma educação pensada desde o lugar e com a participação, vinculada à sua cultura e as suas necessidades humanas e sociais, (Caldart, 2002, p.26.).

A Educação do Campo se diferencia da Educação Rural por sua abordagem pedagógica, voltada para as particularidades do campo e para as demandas das comunidades rurais. Enquanto a Educação Rural muitas vezes se limita a replicar um modelo de educação urbana no meio rural, onde Ribeiro (2012) afirma que a Educação Rural é destinada à população agrícola que residem e ao mesmo tempo trabalham nas zonas rurais, mas que recebem os menores rendimentos daquilo que produzem e que não leva em consideração os saberes e

experiências do campesino. Já Souza (2016) afirma que a Educação do Campo não veio a partir dos princípios da Educação Rural, sendo esta anterior a educação campesina, mas sim com uma identidade própria que se preocupa com as questões políticas, históricas, sociais e que se contrapõe a todo o modelo neoliberal, pois a Educação do Campo busca construir um currículo mais contextualizado, que leve em consideração a cultura, a história, a economia e as especificidades locais.

Além disso, a Educação do Campo busca promover a formação de sujeitos críticos e conscientes de sua realidade, capazes de transformar a sua própria comunidade e de lutar por seus direitos. Essa abordagem pedagógica valoriza a relação entre teoria e prática, estimulando a participação ativa dos estudantes no processo educativo. Nesse sentido, o espaço campesino é “mais do que um espaço de produção agrícola, é um espaço de vida, de sabedoria, de cultura, de relações entre homens, mulheres, crianças e jovens, e entre eles e a natureza.” (Bavaresco, Rauber, 2014, p. 86).

Historicamente, os povos campesinos receberam uma educação desterrada, onde era ofertada apenas os ensinamentos básicos de uma Educação Rural que não leva em consideração as singularidades e especificidades do povo campesino, onde os camponeses são subalternos aos interesses de uma oligarquia agrária e é onde Leite (1999, p. 14) afirma que

A educação rural no Brasil, por motivos socioculturais, sempre foi relegada a planos inferiores e teve por retaguarda ideológica o elitismo, acentuado no processo educacional aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação político ideológica da oligarquia agrária, conhecida popularmente na expressão: “gente da roça não carece de estudos”. Isso é coisa de gente da cidade. (Leite, 1999, p. 14)

Isso, devido a forte influência da Educação Rural norte-americana e do capitalismo que contribuíram para a exclusão e marginalização da população camponesa na educação brasileira (Ribeiro, 2010). Essa influência contribuiu para o êxodo rural, o que no qual trouxe consequências para a população camponesa, principalmente com o processo de nucleação de muitas escolas campesinas, ou seja, o fechamento de escolas em determinadas comunidades e os alunos são redirecionados para escolas-polo.

Assim, apesar dos avanços conquistados na área da Educação do Campo, ainda existem muitos desafios a serem superados, como a falta de infraestrutura nas escolas rurais, a defasagem no material didático disponível e a falta de formação adequada dos professores para atuarem nesse contexto. Portanto, é fundamental que o Estado e a sociedade civil se mobilizem em prol da Educação do Campo, para garantir o direito à educação de qualidade para as

comunidades rurais e contribuir para a promoção da justiça social e da igualdade de oportunidades no meio rural.

A dinâmica pedagógica do professor ao compartilhar a docência em turmas multisseriadas na Educação do Campo

Compartilhar a docência na sala de aula ainda é um processo complexo, principalmente para os professores habituados a trabalharem sozinhos sem a cooperação de outro professor na sala de aula, mas é possível perceber que em alguns momentos o compartilhamento da docência ocorre de forma passageira e muitas vezes os professores nem percebem que em sua aula quando há a presença de outro professor lhe auxiliando, seus conhecimentos, suas estratégias de ensino estão dentro da proposta da docência compartilhada.

Dessa forma, a docência compartilhada aos poucos está se tornando uma realidade nas diversas modalidades de ensino da Educação Básica, e para que a mesma ocorra de uma forma em que a dinâmica pedagógica entre os professores seja flexível, reflexível, comunicativa, interdisciplinar, significativa e de qualidade, é preciso que a estrutura curricular da escola esteja dentro de uma lógica que favoreça o ato de ensinar compartilhado que

consiste em uma ação pedagógica entre dois professores em sala de aula e em um planejamento também compartilhado, ou seja, não é realizado apenas entre os professores, supõe a participação dos docentes envolvidos com o projeto e da equipe diretiva, com assessoramento pedagógico especializado. (Traversini, Rodrigues e Freitas, 2010, p. 2)

Nesse sentido, primeiramente é preciso que seja estabelecido o que se entende por docência compartilhada e de que forma esta contribui para o processo de ensino e aprendizagem. No contexto da escola do campo, a docência compartilhada pode ser um potencial para a construção de processos pedagógicos multidisciplinares, interdisciplinares e oportuniza que os professores tenham as mesmas concepções em relação aos valores e objetivos pedagógicos, possibilitando tanto a construção da identidade individual quanto coletiva, o que leva a valorização do trabalho pedagógico compartilhado. Dessa forma,

Este compartilhamento de tempo, recursos e aluno por dois ou mais educadores é, de fato, uma ideia inovadora. E, mais do que inovadora, ela vem ao encontro dos interesses tão presentes e atuais que dizem respeito a interdisciplinaridade e multidisciplinaridade, bem como a interação entre todos os membros da comunidade escolar. (Fernandes e Titton, 2008, p. 3)

Vale mencionar, que o professor não é o único sujeito que compartilha a docência, mas que há também outros atores que compartilham a docência como, por exemplo, os alunos pelo fato de que estes compartilham seus anseios, suas inseguranças, suas experiências, seus saberes,

seus conhecimentos, entre outros. Nas turmas multisseriadas, em que há uma grande diversidade de interesses, faixa etária e nível de desenvolvimento, a docência compartilhada facilita a prática do professor no sentido de o tempo e a organização das atividades. Por outro lado, é importante considerar que a sala de aula, sendo ela multisseriada ou não

é constituída por um grupo heterogêneo de alunos, onde há crianças com as mais variadas capacidades, e, também necessidades. Caso esta classe seja atendida por apenas um professor, ele conseguira realizar a individualização do ensino com dificuldade. (Beyer, 2006, p. 36)

Nessa perspectiva, a dinâmica pedagógica do professor ao compartilhar a docência em turmas multisseriadas na escola do campo, possibilita o desenvolvimento de novas alternativas, experimentação e potencialização no processo de ensino aprendizagem, pois abre caminho para o pensamento e construção de práticas pedagógicas mais flexíveis. Dessa forma, tanto os professores quanto os alunos, juntos, aprendem a lidar com os diferentes conteúdos estudados por haver séries diferentes numa mesma sala de aula, tornando o fluxo da aula mais interativa havendo a troca de diferentes opiniões, em que os envolvidos neste processo aprende a colocar-se no lugar do outro e cooperar para a construção de conhecimentos para um objetivo comum que é aprender. Portanto, a dinâmica pedagógica do professor ao compartilhar a docência resulta na construção de saberes e por conseguinte em aprendizagens por meio da troca de saberes entre os indivíduos.

Dentro da perspectiva da docência compartilhada, a dinâmica pedagógica permite que haja a cumplicidade pedagógica entre os professores que dividem o mesmo espaço da sala de aula e os objetivos pedagógicos se tornam em apenas um, permitindo na compreensão de uma realidade docente historicamente construída e determinada onde o docente constrói sua identidade a partir da realidade em que faz parte, e este processo permite a troca de experiências e de saberes de forma mais significativa no contexto da sala de aula.

Os desafios do professor da educação do campo ao compartilhar a docência em turmas multisseriadas do ensino fundamental

Nas escolas do campo é possível observar que o compartilhamento da docência é mais frequente na Educação Infantil. Nesse sentido, os professores da Educação Infantil estão mais habituados em dividir a classe um com o outro e estão mais familiarizados com essa organização da sala de aula. No contexto do Ensino Fundamental, seja na escola do campo ou na escola da cidade, é completamente diferente, pois o professor está acostumado a trabalhar sozinho e seu planejamento é baseado na unidocência. Dessa forma, à medida que as escolas

avançam em direção ao co-ensino integrado, ou seja, ao ensino colaborativo, compartilhar a docência ainda é um desafio para o professor. Nesse sentido, Soares (2014, p.12) afirma que

Falar sobre docência compartilhada não é tão fácil, pois há uma complexidade por atingir a identidade coletiva e individual do corpo docente. Para compartilhar é necessária uma constante participação dos indivíduos, ou caso o contrário pode haver muitos conflitos. Pacheco (2000), é bastante claro quando diz que é fundamental uma boa dose de participação e interação, como também de conhecimento pedagógico mútuo, onde os objetivos se tornem comuns.

Em se tratando do contexto das turmas multisseriadas, os professores podem se encontrar com dificuldades em ter outro profissional presente na sala o tempo todo, pois no ato de ensinar estão acostumados a trabalharem sozinhos. Na escola em que foi realizada a pesquisa, as professoras encontraram muitas dificuldades e desafios quando iniciaram os trabalhos com a proposta da docência compartilhada, pois não conheciam a proposta do compartilhamento da docência e estavam mais acostumadas com a prática pedagógica individual. Diante do exposto, as professoras tiveram a aproximação com a docência compartilhada a partir do projeto de intervenção desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED) no ano letivo de 2022 para mitigar as dificuldades de aprendizagens dos alunos devido a pandemia da Covid-19. Nesse sentido, as escolas do município enviou a SEMED propostas de alfabetização que por sua vez lançou mão um projeto de intervenção para mitigar os problemas de aprendizagem e melhorar a qualidade do ensino.

Na escola campesina em estudo as atividades do projeto de intervenção ocorreram a cada duas semanas de forma intercalada, ou seja, semana sim, semana não. A proposta era em que nas semanas em que houvesse a intervenção, havia o processo de agrupamento que consistia na formação de classes por níveis de aprendizagem. Como são poucos alunos na escola e com apenas duas turmas sendo uma turma do 1º, 2º e 3º ano e outra do 4º e 5º ano matutino dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, foi possível realizar um trabalho com a proposta da docência compartilhada. Antes de iniciar as atividades do projeto de intervenção, o corpo docente se reuniu para planejamento das atividades com orientação do Coordenador Pedagógico e os professores foram orientados pelo Coordenador sobre a dinâmica em trabalhar com o compartilhamento da docência. (Diário de Campo, 16 de maio de 2022)

Com relação ao trabalho com a docência compartilhada, foi possível observar que o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola nos anos anteriores não sinalizava e não pontuava sobre a necessidade dessa prática e sua aplicabilidade. Mas, no ano de realização da pesquisa, o PPP da escola estava sendo reformulado e levando em consideração o trabalho docente compartilhado em uma mesma sala de aula. Mesmo assim, as professoras da escola não

possuíam experiências com esta prática no cotidiano da sala de aula. Nesse sentido, foi possível perceber que logo nas primeiras semanas as professoras estavam se familiarizando com essa nova forma de atuar em sala de aula. Sobre isso, as professoras Antônia e Carla³ pontuaram que:

Nas primeiras semanas em que foram realizadas as atividades do projeto de intervenção, foi bem diferente de quando se está na sala sozinha e até para os alunos foi algo diferente. Em alguns momentos até esquecia de que havia outra colega na sala colaborando com as atividades propostas. (Antônia, Entrevista, 15/12/2022)

Logo no início foi bem estranho, pois eu tinha que estar sempre me lembrando de passar a palavra para a colega no momento das explicações do conteúdo. No momento das atividades em que os alunos tinham dúvidas eu me virava para ir até aquele aluno que estava em dúvida, mas a colega já estava lá tirando a dúvida daquele aluno, então eu já me deslocava para atender a outro educando. (Carla, Entrevista, 16/12/2022)

Por meio das falas das professoras podemos perceber que compartilhar a docência com outra professora era algo novo para ela e o projeto de intervenção proporcionou a realização do trabalho docente de uma forma diferente nas turmas multisseriadas da escola em estudo, em que a organização da prática pedagógica ocorresse de forma coletiva, ou seja, antes as professoras planejavam apenas com o Coordenador, mas com esta nova proposta havia também o planejamento compartilhado.

O posicionamento das professoras evidencia, também, que elas possuem a compreensão de como desenvolver o trabalho pedagógico em conjunto, onde ambas atuam com o mesmo propósito: a aprendizagem. Nessa direção, as professoras se inserem num processo de construção da compreensão de que na docência compartilhada “professores e alunos são interlocutores à altura uns dos outros, reconhecendo-se como pares de aprendizagem, rumo à aventura do conhecimento (Gaulke, 2013, p. 16)”. Assim, para que ocorra a interação entre os (as) docentes de forma significativa é preciso que o planejamento das aulas também seja feito de forma coletiva, levando em consideração a heterogeneidade das turmas multisseriadas, reconhecendo-a como uma potencialidade no sentido de melhorar a qualidade da alfabetização dos alunos. Quando questionadas sobre como ocorria os planejamentos e quais os desafios enfrentados, as professoras pontuaram que:

Antes do projeto de intervenção, nosso planejamento é realizado com o Coordenador Pedagógico no dia do AC. Agora com o projeto de intervenção os planejamentos ocorrem de forma coletiva com o Coordenador, eu (professora regente da turma) e a outra professora. O planejamento compartilhado logo no início foi desafiador justamente porque um queria de uma forma, a outra queria de outra, mas quando nos organizamos melhor foi bom porque usamos as divergências de opiniões a nosso favor e a troca de conhecimento facilita no desenvolvimento de uma metodologia significativa. (Carla, Entrevista, 16/12/2022)

³ Nomes fictícios para preservar a identidade da professora.

O planejamento compartilhado abre um leque de possibilidades em relação as atividades desenvolvidas na sala de aula, pois com a contribuição das orientações do Coordenador e com as ideias da outra professora as atividades ficam mais dinâmicas e as articulações entre nós professoras na sala de aula contribui para melhorar a qualidade do ensino já que na turma há alunos com níveis de aprendizagens diferentes, ou seja, uns estão mais adiantados e outros não. Mas é importante mencionar que eu acho que o maior desafio foi nos organizar para que o planejamento ocorresse dessa forma, pois os dias de planejamento das professoras são em dias diferentes. (Antônia, Entrevista, 15/12/2022)

Em relação ao planejamento das atividades para o projeto de intervenção, procurei sempre planejar com a outra professora e o Coordenador Pedagógico, isso foi importante porque sempre tirávamos as dúvidas uns dos outros. O desafio foi colocar em prática o que foi planejado com a outra colega na sala de aula, já que não estamos habituados a compartilhar a docência. (Lidiane, Entrevista, 17/12/2022)

O planejamento coletivo contribui de forma significativa para chegarmos ao nosso objetivo que é o de melhorar a qualidade do ensino no sentido de que todos os alunos sejam alfabetizados. O desafio mesmo não é o de planejar, mas o de dividir a sala com outro professor, pois nem todos professores possuem a mesma metodologia. (Patrícia, Entrevista, 18/12/2022)

Diante das falas das professoras, fica evidente que no início houve um estranhamento por não estarem acostumadas em trabalhar com a docência compartilhada, sendo necessário que ambas usassem da criatividade e renovassem suas práticas pedagógicas, pois não basta apenas compartilhar a docência na sala de aula, é necessário que haja o planejamento compartilhado.

A partir das observações realizadas em sala de aula, as professoras da escola em estudo só puderam superar os desafios que foram gerados a partir da adoção da docência compartilhada quando começaram a entender a dinâmica dessa prática e começaram a se entranharem na vivência da prática diária, realizando um trabalho docente mais colaborativo, coletivo e menos individualista.

Essa semana foi possível perceber que as professoras no momento das aulas estão mais entrosadas no ato de compartilhar a docência, foi perceptível a coletividade, a parceria, a articulação em sala de aula e até mesmo os alunos sentiram essa interação, o que tornou a aula mais fluída, mais prazerosa. (Diário de Campo, 27/07/2023)

Nesse sentido, ao compartilhar a docência os maiores desafios a ser enfrentado é justamente em ter que trocar ideias constantemente durante o ano letivo, incluindo técnicas de ensino, maneiras diferentes de gerenciar o comportamento dos alunos, como interagir melhor com os pais, como usar a tecnologia de maneiras diferentes, como apoiar e orientar um ao outro e, o mais importante, como respeitar estilos diferentes no ato de ensinar. Quando questionadas sobre os desafios encontrados em dividir a sala de aula, as professoras responderam:

Quando é um trabalho pontual de apenas algumas horas não há desafio, mas quando esse trabalho ocorre cotidianamente houve desafios, começando pelo fato de que eu tenho uma postura diferente da colega na sala de aula, eu falo mais alto, ela fala mais

baixo. Minha forma de alfabetizar é diferente da colega, em que alguns métodos que eu utilizo, a colega não utiliza e vice-versa. O bom é que após algumas semanas soubemos lidar com muitas coisas e mantivemos um entrosamento. (Carla, Entrevista, 16/12/2022)

Os desafios na sala de aula foi o de estar sempre lembrando em alguns momentos da outra colega que estava colaborando com as atividades propostas. (Antônia, Entrevista, 15/12/2022)

No contexto da sala de aula eu acho que meu maior desafio poderia ser o de achar que estava sendo sempre avaliada pela colega e por conta disso eu sempre pensava em fazer o melhor. Então eu sempre pensava nas críticas e de fazer algo de errado. (Lidiane, Entrevista, 17/12/2022)

Os desafios enfrentados por mim estão relacionados na adaptação de diferentes formas de ensino e eu sempre ficava pensando e me perguntando se esta proposta não desse certo, qual seria o próximo passo? (Patrícia, Entrevista, 18/12/2022)

Desse modo, podemos compreender que a docência compartilhada ainda é um tabu para muitos educadores. Então, quando o professor compartilha a docência ele pode se sentir vulnerável, pois ele sai da sua zona de conforto e permite que outro professor veja como ele aborda uma sala de aula cheia de alunos de series diferentes. Essa perspectiva exige que ambos os professores tenham um olhar sensível sobre a prática pedagógica de cada um, observando suas dificuldades e seus limites, levando em consideração os anseios, as dificuldades, o contexto, as singularidades e especificidades dos alunos. Neste processo é importante “que professores e alunos são interlocutores à altura uns dos outros, reconhecendo-se como pares de aprendizagem, rumo à aventura do conhecimento (Gaulke, 2013, p. 16)”. Soares (2014, p. 28) faz algumas reflexões em relação aos desafios de compartilhar a docência pontuando que:

Os desafios são muitos, principalmente quando entramos em sala de aula e temos que superar a nós mesmos, nossas dificuldades e nossos limites. É preciso considerar ainda que nem sempre a formação recebida por nós é suficiente para o exercício da docência, por isso é preciso, estar sempre refletindo sobre nossa prática; O que acertamos? O que erramos e o que precisa e pode ser melhorado? Difícil também é poder lidar com o outro; o outro educador que tem uma forma de trabalho diferente, e que no exercício da docência compartilhada, ambos precisam entrar em consenso, trabalhando coletivamente. (Soares, 2014, p. 28)

Outro ponto a ser mencionado, é em relação ao comportamento do aluno em ter dois professores em sala de aula, pois como o aluno está familiarizado com apenas um professor e vê este único professor como o responsável pela regência da aula, o aluno também pode se encontrar com dificuldades para lidar com mais de um educador na sala de aula. Ele perderá a referência a quem se referir no momento das dúvidas, terá preferências em um dos professores por gostar mais da forma como este professor ensina ou se relaciona com a classe, o que pode levar a desrespeitar o outro professor. Foi questionado as professoras sobre como os alunos

estavam regindo diante da proposta do projeto de intervenção com mais de um professor em sala de aula e elas responderam:

De início eles acharam diferente, pois era algo que os alunos não estavam acostumados e isso ficava claro porque sempre nas segundas-feiras eles perguntavam se ia ter o agrupamento. (Carla, Entrevista, 16/12/2022)

Eu percebi que no início eles não gostaram pelo fato de que nas semanas de agrupamento por níveis de aprendizagem, eles acabavam se separando dos coleguinhas que eles gostavam de ficar. (Antônia, Entrevista, 15/12/2022)

De acordo as minhas observações eles não gostaram muito da proposta no início por conta de não estarem acostumados com mais de uma professora na sala de aula e as vezes eles não sabiam para quem tirar as dúvidas e tem a questão de que alguns alunos tinham preferência por uma das professoras (Patrícia, Entrevista, 18/12/2022)

Ao meu ver os alunos não é que não gostaram, mas sentiram um pouco de dificuldade pelas dinâmicas das atividades. Mas isso foi no início, pois ao longo do processo percebi que já estavam acostumados e que avançaram de forma significativa no processo de alfabetização. (Lidiane, Entrevista, 17/12/2022)

Condizente com esta questão e com as respostas dadas pelas professoras, Soares (2014, p. 29) pontua que:

Ao compartilharmos à docência, devemos ter a preocupação com o educando, pois o professor precisa saber e aprender a trabalhar em coletividade. Esse saber faz com que os alunos se sintam seguros em interagir uns com os outros. Claro que temos que lidar com as diferenças, cuidar para não desautorizar outros professores, sendo estes uns dos desafios que precisam ser enfrentado. (Soares, 2014, p. 29)

Diante do mencionado, são várias as reações expressas pelos alunos das turmas em que as respectivas professoras lecionavam. Ao observar a fala de cada uma e o que afirma o autor, fica evidente que cada uma das professoras teve percepções diferentes sobre as reações dos alunos quanto à proposta de duas professoras em uma mesma turma, e isso contribuiu para que o processo de ensino aprendizagem nas turmas multisseriadas ocorresse de forma significativa com a proposta da docência compartilhada.

Vale salientar que a prática pedagógica em turmas multisseriadas precisa levar em consideração a diversidade cultural, dos valores, das crenças, das especificidades, dificuldades e singularidades dos alunos destas turmas. Moura e Santos (2012, p. 71) afirma que se não fosse as escolas multisseriadas teríamos altos índices de analfabetismos no Brasil e ainda complementam esclarecendo que “as escolas de classes multisseriadas, assumem uma importância social e política significativa nas áreas em que se situam, justificando, portanto, a realização de estudos sobre a forma como se configuram.” (Moura e Santos, 2012, p. 71)

Nesse sentido, ao compartilhar a docência em classes multisseriadas é fundamental pensar no aluno para que assim, os professores possam desenvolver um trabalho qualitativo e

significativo de modo a organizar a sala por conhecimento e não por idade, a boa gestão do tempo da aula e trazer a heterogeneidade das turmas multisseriadas como uma vantagem pedagógica.

Desse modo, mesmo diante dos desafios apresentados pelas professoras, foi possível perceber que ao final do ano letivo, a partir dos comentários que as professoras faziam entre elas mesmas em sala de aula ou na sala dos professores, sobre o avanço dos alunos quanto a aprendizagem da leitura e escrita. Vale mencionar que os desafios foram superados quando as professoras começaram a ter mais afinidade com a proposta de compartilhar a docência no contexto das turmas multisseriadas e recuperaram o que não foi aprendido pelos alunos nos anos anteriores. Nesse sentido, ao serem questionadas a respeito das contribuições do projeto de intervenção com a proposta de agrupamento dos alunos por níveis de aprendizagem e com a prática da docência compartilhada, as professoras responderam que:

Esta proposta de projeto de intervenção foi interessante, pois a nossa maior dificuldade era trabalhar com turmas multisseriadas em que os alunos têm dificuldades diferentes, uns sabiam mais e outros menos e isso dificultava o trabalho. Com o projeto de intervenção, em que houve o agrupamento de alunos e nas semanas em que mesmo que não havia esse agrupamento, trabalhávamos com a docência compartilhada, o que contribuiu para chegarmos a resultados satisfatórios. (Carla, Entrevista, 16/12/2022)

O projeto de intervenção e o compartilhamento da docência trouxe bons resultados quanto a aprendizagem da leitura e da escrita. No entanto, eu acho que é preciso continuar com o projeto no próximo ano letivo, pois assim poderemos alcançar melhores resultados. (Antônia, Entrevista, 15/12/2022)

Eu acho que se o projeto iniciasse desde o ano letivo com esta proposta de intervenção, poderíamos alcançar melhores resultados, pois quando iniciamos com o projeto estávamos já meio do segundo trimestre do ano letivo. (Patrícia, Entrevista, 18/12/2022)

Gostei muito de ter trabalhado dessa forma e os resultados alcançados foi graças a esse modelo de trabalho que contribuiu para que o trabalho pedagógico nas turmas multisseriadas pudessem ocorrer de forma mais dinâmica e significativa e que levassem em consideração o contexto da população campesina. (Lidiane, Entrevista, 17/12/2022).

Conforme a fala das professoras, é possível compreender que o projeto de intervenção com a proposta da docência compartilhada, trouxe bons resultados quanto ao processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita. Outro ponto que merece destaque diz respeito ao posicionamento da professora Lidiane, ao pontuar que o projeto de intervenção associado à proposta da docência compartilhada ser pensado de acordo as necessidades e especificidades, com um olhar sensível e atento, considerando as experiências, a autonomia e os saberes das professoras e dos alunos das turmas multisseriadas da escola do campo em estudo. Nesse sentido, a docência compartilhada promoveu a comunicação compartilhada entre as professoras

e contribuiu para que juntas pudessem alcançar resultados satisfatórios quanto a aprendizagem dos alunos com aulas mais interativas e dinâmicas.

Refletir sobre a prática pedagógica parece ser um dos pontos de partida, pois compreender o processo de construção de conhecimento pedagógico de forma compartilhada implica compreender como se constitui esse processo no cotidiano da escola, local de produção cultural, espaço de encontros e desencontros, de possibilidades e limites, de sonhos e desejos, de encantos e desencantos, de atividade e reflexão, de interação e de mediação nessa construção que não é unilateral, mas acontece à medida que compartilhamos experiências, vivências, crenças, saberes, etc., numa ciranda que não se esgota, ao contrário, se desdobra, se modifica, se multiplica, revela conflitos e se amplia, (Bolzan, 2009, p.27).

Nesse contexto, o compartilhamento da docência, dá aos professores e aos alunos a oportunidade de aprender e melhorar suas habilidades de ensino e aprendizagem, um ajudando o outro, orientando, criando, produzindo, elaborando ideias, principalmente quando o outro está sobrecarregado. Não só isso, mas vai ao encontro das diversas necessidades de aprendizagens e socioemocionais dos alunos, oportunizando que um pode observar e avaliar formalmente para proporcionar um ambiente de aprendizagem que atenda todos os alunos das diferentes séries em uma mesma sala de aula. Isso torna o processo de ensino e aprendizagem significativo, pois garante uma aprendizagem de assimilação ativa. Entretanto, para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma significativa com a proposta da docência compartilhada, é necessário que o Projeto Político Pedagógico, os Projetos de Intervenção, o Currículo Escolar leve em consideração a proposta do compartilhamento da docência, o que no qual pode garantir que haja a formação continuada nesse sentido.

Considerações Finais

A partir dos estudos realizados, fica evidente que o povo camponês ainda continua lutando pelo direito a terra e pela permanência das escolas no e do campo e pela consolidação da Educação do Campo, com o objetivo de oportunizar ao estudante o acesso a uma escola e educação de qualidade. Diante disso, uma das marcas dessa luta está na busca por políticas públicas educacionais que atendam as especificidades e singularidades do povo camponês. Nesse contexto, a pesquisa evidenciou que é exigido da docência um olhar diferenciado que não se limite a apenas a compreensão de conceitos, mas que desenvolva o exercício da leitura de mundo e do olhar crítico para o fortalecimento na formação da população camponesa, em que a escola camponesa seja um espaço de produção do conhecimento, produção de cultura, de valores e crenças.

A docência compartilhada no contexto das classes multisseriadas pode contribuir para a formação do camponês, pois ela permite que a ideia de centralização do conhecimento por parte

do professor ou da professora seja rompido. Isso não significa que se diminuirá a importância do papel do professor ou da professora, pelo contrário, o compartilhamento da docência propõe processos epistemológicos coletivos para a construção social do conhecimento escolar, dando importância para o outro na ação educativa.

Nesse sentido, a docência compartilhada propõe a atuação de dois professores numa mesma sala de aula no sentido de desenvolver um trabalho que dê conta de diversas lacunas geradas por diversas questões que estão presentes na sociedade, sejam sociais, familiares, de desigualdade ou de exclusão que afetam no processo de ensino-aprendizagem do educando. Dessa forma, quando o docente compartilha a docência ele reinventa o exercício da docência, tanto na atuação pedagógica quanto na forma de abordar os conteúdos.

Nessa perspectiva educativa, à docência compartilhada também contribui quanto a criação de vínculos afetivos, nas tomadas de decisões, nos planejamentos, na execução do trabalho pedagógico, na elaboração de estratégias de ensino, entre outros, com o propósito de melhorar a qualidade do ensino em turmas multisseriadas na escola do campo, em que há grupos de alunos de séries diferentes com dificuldades de aprendizagens diferentes, o que exige muito esforço da unicidade para lidar com as diversas situações cotidianas nas turmas multisseriadas. Uma vez que, nem sempre, um único professor consegue sanar todas as demandas presentes no contexto dessas turmas.

Dessa forma, a docência compartilhada ajuda a mitigar as lacunas presentes nas turmas multisseriadas, pois enquanto um professor explica um determinado conteúdo, o outro vai tirando as dúvidas daqueles alunos que estão com dificuldades para aprender. Mas não só isso, o outro professor também pode ir complementando sobre o que está sendo estudado e, entre outras ações que podem ser desenvolvidas na sala de aula com a participação dos docentes. Entretanto, para que o compartilhamento da docência ocorra de forma significativa no contexto das turmas multisseriadas, é importante que a estrutura curricular seja construída levando em consideração a proposta pedagógica da docência compartilhada. O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, por exemplo, deve dar ênfase a essa proposta de dois professores compartilhando conhecimentos na mesma sala de aula, pois esta proposta de ensino tem como lógica a interrelação dos diferentes campos do conhecimento, tendo uma abordagem pedagógica interdisciplinar, transdisciplinar e multidisciplinar.

Portanto, é necessário que todos esses determinantes citados devem ocorrer para que seja possível haver uma docência compartilhada ideal para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem significativo, caso contrário, essa proposta de dois professores dividindo

a mesma sala de aula acabe não contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem e é onde surgem os desafios para compartilhar a docência como, por exemplo, a troca de experiências em relação ao ensino, dificuldades para socialização de ideias, entre outros. Os alunos também terão dificuldades, pois estão mais acostumados com a unidocência.

Quanto ao projeto de intervenção, este por sua vez, possibilitou que as professoras trabalhassem de forma a compartilhar a docência, em que os conteúdos foram trabalhados nas salas multisseriadas da escola em estudo de forma conceitual, atitudinal, procedimental com o objetivo de tirar os alunos da passividade e o colocando como ator principal do seu próprio processo de construção do conhecimento.

Podemos ainda mencionar como vantagens para o aluno, o desenvolvimento da criatividade, das relações interpessoais, da cooperatividade e principalmente da resolução de problemas, os quais são muito mais significativos para ele, pois a docência compartilhada contribui significativamente para que os professores pautem suas ações de acordo as particularidades dos alunos de acordo a forma como que cada um aprende. Assim, é importante que primeiramente haja uma preparação por meio da formação continuada voltada para essa proposta, ou seja, é necessário que seja realizado todo um acompanhamento e que o PPP da escola leve em consideração o ensino compartilhado entre dois professores numa sala de aula.

Referências

BARROS, Aidil de Jesus de. **Projeto de pesquisa:** propostas metodológicas / Aidil de Jesus de Barros, Neide Aparecida de Sousa Leffeld. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

BAVARESCO, Paulo Ricardo; RAUBER, Vanessa Daiane. **Educação do Campo:** uma trajetória de lutas de conquistas. Unoesc & Ciência – ACHS, Joaçaba, v. 5, n. 1, p. 85-92, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/235124777.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2022.

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola de alunos com necessidades educacionais.** Porto Alegre: Mediação, 2006.

BOLZAN, D.P.V., Formação de Professores: Compartilhando e reconstruindo conhecimentos, 2.ed., Porto Alegre: Mediação, 2009.

Bom Jesus da Lapa (BA). Prefeitura. 2015. Disponível em: <http://www.bomjesusdalapa.ba.io.org.br/historia>. Acesso em: 7 jul. 2022

BRUYNE, P. **Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1991.

CALDART, Roseli S. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: **Educação do Campo**: identidade e políticas públicas - Caderno 4. Brasília: Articulação Nacional “Por Uma Educação do Campo”, 2002.

CALDERANO, M. A. *Docência compartilhada*: contextos e viabilidade prática. Memorial de Maria da Assunção Calderano defendido na Banca visando Promoção na carreira - Professor Titular. Universidade Federal de Juiz de Fora, agosto/2016.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5º edição. São Paulo: Cortez 2001.

FERNANDES, Denise Armani Nery e TITTON, Maria Beatriz Pauperio. **Docência compartilhada**: o desafio de compartilhar. Porto Alegre. Unirritter, 2008. Disponível em: <http://rc-sp.forums-free.com/docencia-compartilhada-o-desafio-de-compartilhar-t11.html>
Acesso em: 08 jul. 2022.

GAULKE, Alvine Genz. **A Relação Professor-Aluno-Conhecimento na Educação Infantil**: Princípios, Práticas e Reflexões sobre protagonismo Compartilhado. Dissertação de mestrado vinculada aos Estudos sobre Infância do Programa de Pós-Graduação da UFRGS: Porto Alegre, 2013.

GOMES, R. et al. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação> In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.) **Avaliação por triangulação de métodos**: Abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010, pp. 185 – 221.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP> Alínea, 2001.

Hébert, M., Goyette, G. & Boutin, G. **Investigação Qualitativa - Fundamentos e Práticas**. Coleção Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola Rural: Urbanização e Políticas Educacionais**. São Paulo. Cortez, 1999.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, EPU, 1986.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica/etnopesquisa-formação**. Brasília: LiberLivro, 2010.

MARQUES, Mario Osorio. **Educação/interlocução, Aprendizagem/reconstrução de saberes**. Ijuí: Editora Unijuí, 1996.

MOURA, Terciana Vidal; SANTOS, Fábio Josué Souza dos. A PEDAGOGIA DAS CLASSES MULTISSERVIADAS: UMA PERSPECTIVA CONTRA-HEGEMÔNICA ÀS POLÍTICAS DE REGULAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE. [TESTE] **Debates em Educação**, Maceió, v. 4, n. 7, p. 65, out. 2012. ISSN 2175-6600. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/ojs2-somenteconsulta/index.php/debateseducacao/article/view/658>>. Acesso em: 14 maio 2023. doi: <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2012v4n7p65>.

RIBEIRO, Marlene. **Movimento camponês, trabalho e educação: liberdade, autonomia, emancipação: princípios/fins da formação humana** – 1ª ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2010.

RIBEIRO, Marlene. Educação Rural. In: CALDART, Roseli Saete et all (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis, SC: UFSC, 2005.

SOARES, Robson Ribeiro. **As implicações da docência compartilhada no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID** / Robson Ribeiro Soares. – Bom Jesus da Lapa, 2014. 57f.

SOUZA, M. A. A educação do campo no Brasil. In: SOUZA, E. C.; CHAVES, V. L. J. (org.). **Documentação, memória e história da educação no Brasil: diálogos sobre políticas de educação e diversidade**. v. 1. Tubarão: Copiart, 2016. p. 133-157.

TRAVERSINI, Clarice Saete; RODRIGUES, Maria Bernadette Castro e FREITAS, Juliana. **O desafio de exercer a docência e constituir-se como aluno no projeto da docência compartilhada**. Porto Alegre: UFGS, 2010.

5288

Autor 1:

Robson Ribeiro Soares



Formado em Pedagogia e pós-graduado em Educação do Campo na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XVII Bom Jesus da Lapa. Atualmente atua como Coordenador Pedagógico na Escola Municipal José Santana no interior do município de Bom Jesus da Lapa – BA.

Email: academicosestudos716@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1962814213449307>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-1526-3433>

Autor 2:



Inaiara Alves Rolim

Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC e Mestre em Educação do Campo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. Professora da Educação básica do campo no município de Serra do Ramalho/BA.

Email: inaiararolim@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2439617344890154>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3547-9165>



**IX SEMINÁRIO NACIONAL
V SEMINÁRIO INTERNACIONAL POLÍTICAS PÚBLICAS,
GESTÃO E PRÁXIS EDUCACIONAL**

Vitória da Conquista - BA
ISSN: 2594-7613



**POLÍTICAS E PRÁTICAS EDUCACIONAIS:
DOS CONTEXTOS DE BASE À DIFUSÃO INTERNACIONAL**